

MÁRIO COVAS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo 13.7.98

Na véspera de licenciar-se para concorrer à reeleição para o governo de São Paulo Mário Covas, com a sinceridade que lhe é peculiar, afirmou não entender porque não conseguia um maior número de intenções de votos na pesquisa apesar da “vantagem de ser o governador do Estado”. Essa dificuldade parece ser partilhada pela maioria das pessoas com que encontro - amigos, companheiros de trabalho, jornalistas. Por que Mário Covas, que está realizando um dos melhores governos que o estado de São Paulo já teve, avança nas pesquisas, mas não dispara nas intenções de voto?

As respostas que recebo não variam muito. Covas é honesto, é bom administrador, tem visão dos problemas nacionais e espírito público, mas é turrão, mal-humorado, reclama de tudo, comunica-se mal, sempre acredita que mais importante do que comunicar é fazer o que deve ser feito, e depois esperar o reconhecimento dos eleitores, ao invés de estar sempre procurando cortejá-los. Concordo com tudo, menos com o mal-humorado. Ele sabe ter bom humor, rir de si mesmo e das circunstâncias, ser solidário e amável. Quanto a sua dificuldade em comunicar-se, é relativa. Fala extremamente bem, combinando em seu discurso os fatos de seu governo, que conhece como ninguém, com a análise racional dos desafios a serem enfrentados, e com a emoção de quem sabe que para ser político em um país tão desigual e injusto como nosso é preciso ter indignação moral e compaixão.

Então, por que Mário Covas ainda não subiu mais nas pesquisas? Será tão fácil assim ser reeleito, ou, na verdade, é muito difícil, quando o candidato decidiu, como governador, sanear a todo custo as finanças do Estado, acabar com a corrupção, eliminar os desperdícios, exonerar os funcionários excedentes, e consolidar a dívida do Estado? Todos conhecemos a situação lastimável em que estava São Paulo em 1995: do ponto de vista financeiro, moral e administrativo. Foi extraordinária a coragem e determinação com que enfrentou o problema, e mudou da água para o vinho a situação nesses três pontos. Hoje São Paulo é um estado saneado financeiramente, no qual a administração pública foi moralizada e colocada a serviço da sociedade. Ora não se faz uma mudança dessa dimensão sem custos políticos. Sem o protesto dos que perderam transferências econômicas indevidas, sem a frustração daqueles que esperavam mais obras e mais serviços prestados pelo estado.

Assisti há uns dois meses a uma palestra que Mário Covas fez em Brasília sobre seu governo. Eu e todos os que o ouvimos falar por quase uma hora, ficamos ao mesmo

tempo informados e emocionados por tudo o que foi feito, por ele e por um conjunto de secretários excepcionais, a partir de seu Secretário da Fazenda, meu particular amigo Yoshiaki Nakano, notável economista, que recentemente Luís Nassif denominou “a melhor vocação gerencial entre os economistas de sua geração”. As realizações ocorreram não apenas no saneamento das finanças, na melhoria da administração pública e na moralização do governo, mas também na educação, na saúde, na cultura, na segurança, na habitação, na reforma agrária, no atendimento do cidadão.

Na educação, em especial, a reforma e o avanço foram excepcionais. A divisão em dois do primeiro grau, voltando-se à antiga separação entre primário e ginásio, o primeiro com um professor por classe, o segundo já com professores especializados, faz todo o sentido. A elevação dos salários dos professores, em um período de violenta restrição financeira, mostrou quais são as prioridades social-democratas do governo. E os resultados não demoraram. O índice de evasão escolar reduziu-se. As crianças ficaram mais tempo em classe, com professores mais motivados. A qualidade do ensino melhorou visivelmente. Mas para realizar essas reformas a Secretária da Educação Rose Neubauer teve que enfrentar dificuldades, estabelecer prioridades, recusar demandas, provocar insatisfações. Um bom governo só pode ser assim.

A política é a arte do compromisso, de fazer acordos e construir maiorias, mas é também a capacidade de tomar decisões duras, de escolher e priorizar. O político comum apenas faz compromissos - faz permutas consigo mesmo (*trade offs*) entre seus interesses pessoais e sua necessidade de ser eleito -, o estadista faz as escolhas difíceis, contraria seus eleitores durante algum tempo, também faz *trade offs*, mas são permutas entre sua necessidade de ser eleito e seu espírito público.

Mário Covas faz parte dos políticos do segundo tipo. Naturalmente ele quer ser eleito para se manter como político, mas não sacrifica tudo em nome dessa vontade. Não lhe passa pela cabeça a idéia comum entre os políticos menores de que tudo é permitido quando se quer a eleição. Fez um grande governo, mas não atendeu a todas as demandas. Não as atendeu não apenas porque não pôde; também porque sabe que tentar atendê-las seria mero populismo irresponsável, seria aprofundar a crise de São Paulo ao invés de caminhar para resolvê-la.

Mas será que os eleitores não vão descobrir tudo isto e dar-lhe seu apoio nas eleições? Meu otimismo em relação à natureza humana me leva a ver Mário Covas como o mais provável governador de São Paulo no próximo quadriênio. Afinal, está tudo preparado para que o novo governo dê, nestes próximos quatro anos, todos os frutos que o governo atual semeou. Neste caso, a situação é muito parecida com a do governo federal, onde também já poderemos colher frutos das reformas alcançadas. A diferença está no fato de que Fernando Henrique é o franco favorito, já que as decisões duras que foi obrigado a tomar só atingiram marginalmente a população, amplamente favorecida pelo Plano Real, enquanto no caso de Mário Covas as decisões difíceis senão impopulares tiveram que predominar.

A palavra final caberá naturalmente ao eleitor. Vai ele decidir pela continuidade de um governo tão extraordinário, ou não? Não estou seguro. Tenho, entretanto, uma convicção - que compartilho com Mário Covas: Não se deve subestimar o eleitor brasileiro. Ele pode ser enganado, mas não por muito tempo.